

Entrevistado: Ricardo Azevedo

1. Como se deu sua trajetória de formação leitora?

Meu pai era geógrafo, professor universitário e autor de livros de geografia. Além disso, tive a sorte de ter em casa uma biblioteca bastante grande e diversificada. Dessa forma, minha aproximação com livros, literatura e leitura se deu com muita naturalidade. Tanto meu pai como minha mãe eram leitores, sabiam usar livros em benefício próprio e sempre tinham um livro por perto. Preciso dizer que não lembro de eles indicarem leitura alguma. Eles liam e ponto. Cada filho que se virasse e pegasse o livro que quisesse. Isso foi muito bom e de certa forma também agi assim com meus filhos.

2. A sua carreira de escritor coincide com a sua vocação para a pesquisa?

Acho que não. Ocorre que lá pelo início dos anos 90, cerca de dez anos após a publicação do meu primeiro livro, comecei a sentir necessidade de estudar e aprofundar certas questões relativas à literatura e à estética. Tanto porque passei a ser convidado a dar palestras para professores e quis ter mais segurança com relação a alguns conceitos, como também porque queria compreender melhor que linguagem afinal eu utilizava para escrever meus livros, um discurso que sabia ser diferente do modelo paradigmático apresentado pela literatura “oficial” pautada pelas universidades, pelas teorias literárias e pela crítica especializada. Acabei fazendo doutorado em 2004 e dele resultou o livro *Abençoado e danado do samba- Um estudo sobre o discurso popular*, publicado pela Edusp em 2013.

3. Qual é o seu olhar sobre a relação do educador brasileiro com as manifestações da cultura popular?

As escolas são uma representação e um reflexo da sociedade. Infelizmente ainda vivemos numa sociedade elitista com tradição escravocrata, com alguns poucos privilegiados que julgam natural ter privilégios, e muitos vivendo, mesmo que em graus diferentes, à margem e de forma subalterna. Acontece que a essência e a vitalidade das culturas populares nascem justamente no seio dessas classes subalternas que, note-se, representam de forma matizada creio que talvez chutando uns 80% de população. Entretanto essa cultura não-oficial, espontânea e muito diversificada costuma ser desprezada pela sociedade dominante e ignorada pela escola sendo lembrada apenas em agosto, decretado sei lá por quem “mês do folclore”. Como assim? A cultura popular viceja todos os dias e todas as

noites o tempo inteiro! Nesse quadro, é natural que a maioria dos professores não seja preparada para aborda-la em sala de aula. Trata-se de um paradoxo: a maior parte dos professores têm sua origem nas classes populares mas é levada pelo pensamento dominante a não reconhecer que sua própria cultura é valiosa e pode ser assunto de grande interesse escolar. Não se trata de nenhum nacionalismo mas apenas de compreender que não vivemos num mundo higiênico composto de regras, informações e teorias abstratas mas, sim, em contextos socioculturais com características próprias e gente de carne e osso. Sonho com o dia em que, em nossas escolas, os alunos vão conhecer e estudar as canções de Noel Rosa, Dorival Caymmi, Wilson Batista, Nelson Cavaquinho, Luiz Gonzaga, Zé Kéti, Manacéia, Paulinho da Viola e tantos outros poetas populares, compará-las com as letras de compositores como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Fernando Brant, Paulo Cesar Pinheiro, Aldir Blanc, Vitor Martins, José Miguel Wisnik e outros para depois, num terceiro momento, tentar associá-las de alguma forma aos poemas e procedimentos com a linguagem de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Ferreira Gullar entre outros. Neste dia, finalmente, teremos estudantes mais expressivos, com pensamento crítico desenvolvido e melhor integrados à sua própria sociedade e cultura.

4. Há distinção entre o perfil do leitor jovem e do leitor adulto? O que justifica o distanciamento do leitor adulto das representações literárias da cultura popular.

É claro que existem crianças, jovens e adultos e que estes estão em estágios diferentes da vida. Considerando o modelo escolar fica fácil dividir as crianças em grupos da mesma idade e distribuí-las em classes onde recebem um acervo de conhecimento também fragmentado. Acontece que a vida real é mil vezes mais complexa do que esse esquema utilitário e genérico. Mesmo tendo a mesma idade, diferentes crianças de nove anos carregam suas experiências pessoais, sua cultura familiar, a cultura de sua comunidade, suas crenças, seus padrões morais, seus padrões de sociabilidade, sua maneira de ser etc. A mesma idade cronológica não corresponde à maturidade e à experiência de vida de cada indivíduo. Enfim, uma coisa é tratar crianças como fórmulas baseadas em estatísticas; outra é tratá-las como seres humanos na vida. Neste sentido, a cultura popular pode, mais uma vez, nos dar o caminho a seguir, pois as expressões populares nada têm a ver com faixas etárias: contos, quadras, adivinhas, brincadeiras com palavras etc. são capazes de interessar e causar grande identificação em todas as pessoas. Não é pouco! Quero dizer ainda que não sinto que haja nenhum distanciamento do leitor adulto com relação as formas literárias populares. Como disse, adultos e crianças costumam saborear com o mesmo interesse esse riquíssimo material.

5. Atualmente têm-se um novo perfil de leitor, o leitor ubíquo, ou seja, o leitor que está em constante contato com redes sociais por meio dos mais variados dispositivos móveis. Os textos se tornaram fragmentados. Como você acha que

essa situação afeta a formação de leitores? De que forma esse recurso pode ser usado em favor da leitura literária?

Sem dúvida, a influência cada vez maior dessas novas tecnologias em nossas vidas é muito difícil de avaliar. No geral, minha sensação é a de que não se trata de discuti-las em si mesmas – nada mais são do que recursos técnicos – mas, sim, seu uso. O que pessoas expressivas, com cultura humanista e pensamento crítico desenvolvido – em suma, pessoas capazes de determinar seus próprios fins – fazem ou farão com essas tecnologias sempre será muito diferente, tenho certeza, do uso que fazem ou farão delas pessoas dotadas apenas de mentalidade técnica e valores consumistas, incapazes de pensamento crítico, em suma, pessoas alienadas, analfabetos sociais, cujos objetivos e fins são determinados por outros. Uma coisa é certa: só os primeiros são ou serão de fato leitores.

6. Seus livros tematizam o folclore. Por que o evidente interesse por esse tema?

De certa forma meu trabalho tem dois planos: livros inteiramente criados por mim – que são a maioria – e livros que buscam um resgate de formas literárias populares, principalmente os contos. Creio que esse material popular é riquíssimo e para mim representa uma fonte de aprendizado, tanto pela rica linguagem que utiliza, como pela forma com que aborda seu temas. Os contos populares são capazes de tratar de assuntos muito, muito complexos de forma compartilhável pela maioria das pessoas. Na minha visão são verdadeiros tesouros da alma humana.

7. Na maioria das vezes, livros direcionados para o público infantil contêm ilustrações bastante ricas que seduzem o leitor. Enquanto escritor e ilustrador, você se sente mais atraído pelo relato da história ou pela linguagem imagética?

Minha formação desde pequeno foi voltada basicamente para a literatura. O estudo das artes visuais foi uma riqueza que entrou na minha quando eu já tinha mais de vinte anos. Por essa razão, sempre me senti antes de tudo um escritor que desenha mas preciso dizer que hoje, com tantos anos de trabalho, percebo cada vez como esses dois discursos se interpenetram. Acabo de lançar pela Melhoramentos o livro *Caderno veloz de anotações, poemas e desenhos* feito de poemas e imagens que, neste caso, têm completa autonomia. Em outras palavras, os desenhos não são ilustrações dos textos mas, sim, ambos são protagonistas dentro do livro. A ideia é que o leitor leia e olhe página por página e pense: que texto é esse? que imagem é essa? Como interpretar esse poema? Como interpretar esse desenho? O que é que eu sinto diante de tudo isso? Como autor, foi a primeira vez que fiz isso e esse tipo de abordagem me interessa muito e cada vez mais.

